

## EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A LITERATURA DE CORDEL NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

### *AESTHETIC EXPERIENCE, TEACHER TRAINING AND CORDEL'S LITERATURE IN TEACHING AND LEARNING PROCESSES*

### *EXPERIENCIA ESTÉTICA, FORMACIÓN DOCENTE Y LITERATURA DE CORDEL EN LOS PROCESOS DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE*

Fernando PAIXÃO<sup>1</sup>  
Camila Oliveira da SILVA<sup>2</sup>  
Ana Cristina de MORAES<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo reflete sobre a dimensão da experiência estética em ações pedagógicas no âmbito da Educação Básica com esteio na cultura popular materializadas por meio da Literatura de Cordel. O estudo objetiva analisar a relevância da experiência estética na formação de professores e como estes percebem essas ações estando aliadas a processos educativos de crianças e jovens. A escolha da temática deve-se ao desenvolvimento de pesquisas e intervenções pedagógicas no âmbito da educação formal. A investigação é de natureza qualitativa, tomando-se a observação, a análise de práticas pedagógicas e os relatos de professores do 6º ano do Ensino Fundamental (Aquiraz-CE) e da Educação de Jovens e Adultos – EJA (Maranguape-CE). Tendo por base as análises dos dados, infere-se que os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem consideram de muita relevância o trabalho com Cordel em sala de aula por envolver os estudantes na constituição de saberes. Há um chamamento à aprendizagem pela dimensão lúdica e criativa que o Cordel possui.

**Palavras-chave:** Literatura de Cordel. Ensino-aprendizagem. Experiência estética.

**ABSTRACT:** *This article reflects on the dimension of the aesthetic experience in pedagogical actions within the scope of Basic Education supported by popular culture materialized through Cordel Literature. The study aims to analyze the relevance of aesthetic experience in the training of teachers and how they perceive these actions being combined with the educational processes of children and young people. The choice of this theme is due to the development of research and pedagogical interventions within the scope of formal education. The investigation is of a qualitative nature, taking observation, analysis of pedagogical practices and reports of teachers from the 6th year of Elementary School (Aquiraz-CE) and Education of Youth and Adults - EJA (Maranguape-CE). Based*

<sup>1</sup> Mestre em Educação (Universidade Estadual do Ceará – UECE). Especialista em Arte-educação e cultura popular (Faculdade Darcy Ribeiro). Graduado em Ciências da Religião (Faculdade Católica de Fortaleza - FCF). Professor da Escola de Pastoral Catequética – ESPAC (Cursos de Extensão da Faculdade Católica de Fortaleza – FCF). Fortaleza, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6669-7283>, E-mail: [fernandopaixao2508@gmail.com](mailto:fernandopaixao2508@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestra em Educação (Universidade Estadual do Ceará – UECE). Graduada em Pedagogia (UECE). Professora do Colégio Christus, Fortaleza, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8845-9980>, E-mail: [camilla.oliveira@aluno.uece.br](mailto:camilla.oliveira@aluno.uece.br).

<sup>3</sup> Pós-doutora em Educação (Universidade Federal do Ceará – UFC). Doutora em Educação (Universidade Estadual de Campinas-SP – UNICAMP). Mestra em Educação (UFC). Especialista em Metodologia do Ensino de Artes (Universidade Estadual do Ceará – UECE). Graduada em Arte-educação (UniGrande) e em Serviço Social (UECE). Professora Adjunta da UECE., Fortaleza, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8650-8272>, E-mail: [cris.moraes@uece.br](mailto:cris.moraes@uece.br).

*on the data analysis, it appears that those involved in the teaching-learning process consider the work with Cordel in the classroom to be very relevant, as it involves students in the constitution of knowledge. There is a call to learning due to the playful and creative dimension that Cordel has.*

**Keywords:** *Literature of twine. Teaching-learning. Aesthetic experience.*

**RESUMEN:** *Este artículo reflexiona sobre la dimensión de la experiencia estética en las acciones pedagógicas en el ámbito de la Educación Básica sustentada en la cultura popular materializada a través de la Literatura Cordel. El estudio tiene como objetivo analizar la relevancia de la experiencia estética en la formación de los docentes y cómo perciben estas acciones al combinarse con los procesos educativos de niños y jóvenes. La elección de este tema se debe al desarrollo de investigaciones e intervenciones pedagógicas en el ámbito de la educación formal. La investigación es de carácter cualitativo, tomando observación, análisis de prácticas pedagógicas e informes de docentes de 6º año de Educación Primaria (Aquiraz-CE) y Educación de Jóvenes y Adultos - EJA (Maranguape-CE). A partir del análisis de los datos, parece que los involucrados en el proceso de enseñanza-aprendizaje consideran muy relevante el trabajo con Cordel en el aula, ya que involucra a los estudiantes en la constitución del conocimiento. Hay una llamada al aprendizaje por la dimensión lúdica y creativa que tiene Cordel.*

**Palabras clave:** *Literatura de bramante. Enseñando-aprendiendo. Experiencia estética.*

## Introdução

*Registrando o passado e o presente  
Para tudo o cordel tem sempre espaço:  
Pra amor, pra política, pra cangaço,  
Romaria, promessa e penitente,  
Retirante, romeiro, presidente,  
Seca, fome, fartura, inundação...  
Qualquer um que quiser informação  
Nele encontra o melhor documentário,  
O cordel completou um centenário  
Viajando nas asas do pavão.  
(Geraldo Amâncio).*

A epígrafe acima apresentada é um farol que lança seus raios de luz aos caminhos deste trabalho, em que objetivamos refletir sobre os limites e as possibilidades da Literatura de Cordel para os processos de ensino e aprendizagem, levando em consideração a experiência estética na formação de professores. Na epígrafe, verificamos a pluralidade de temas transversais à educação, que unidos à dimensão estética do gênero poético, apontam para possibilidades que auxiliam os professores nos seus processos de ensino e aprendizagem. Trata-se de uma estrofe de um poema do cordelista e repentista

Geraldo Amâncio que, utilizando versos decassilábicos, desenvolveu o mote: “O cordel completou um centenário/Viajando nas asas do pavão” – “asas do pavão” faz referência ao grande *Romance do Pavão Misterioso*, um dos mais famosos da história, de autoria de José Camelo de Melo Resende (AMANCIO; PEREIRA, 2004), cujo conteúdo faz o leitor perceber o potencial desse artefato cultural, o Cordel, como recurso didático em diversos campos disciplinares<sup>4</sup>.

Para exemplificar o alcance da Literatura de Cordel nas escolas, registramos a adoção de títulos de autoria de Fernando Paixão, autor deste trabalho<sup>5</sup>, no ensino fundamental em municípios do Estado do Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, São Paulo. Sendo eles editados por uma editora genuinamente cearense, a IMEPH, os livros são bem distribuídos e adotados na capital Fortaleza e na Região Metropolitana como Aquiraz, Horizonte, Caucaia e, em municípios de outras regiões do Estado como Iguatu, Viçosa do Ceará, Tauá, Tianguá, entre outros.

Vemos o sentimento e a reação dos alunos quando abrem um livro de Cordel, que, indubitavelmente, é diferente de quando abrem um livro em prosa. O texto de um livro de Cordel, não é somente um texto, é também poesia. Cada linha é, também, um verso, cada parágrafo é a estrofe de um poema; as palavras vão ao encontro das outras procurando a rima exata e as frases vão-se ajustando na cadência rítmica, nem mais, nem menos que sete sílabas poéticas, para não ferir a métrica (redondilha maior). E assim, alunos e professores veem nesse gênero literário algo mais do que uma informação. Veem a arte, o lúdico, a poesia, a rima, a expressão de uma cultura de tradição.

O livro, diferentemente do *folheto*<sup>6</sup>, expressa uma nova realidade editorial envolvendo a Literatura de Cordel. Editoras publicam textos de Cordel em livros com um formato diferente dos tradicionais folhetos, com seu conteúdo totalmente ilustrado e com uma qualidade de papel muito superior. No entanto, esses cordéis de cara nova somam-

---

<sup>4</sup> O *Romance do Pavão Misterioso* traz uma questão acerca de sua autoria. A edição mais antiga que se tem conhecimento tem a assinatura do poeta João Melquíades Ferreira da Silva (1869-1933). Após a morte de João Melquíades, a autoria do *Romance* foi contestada por José Camelo de Melo Resende que apresentou a sua própria versão da história.

<sup>5</sup> A Semente da Verdade (IMEPH), 2007; Zumbi dos Palmares (IMEPH), 2009; A Canção dos Povos Africanos (IMEPH), 2010; O Grãozinho de Areia (Paulus), 2010; A Força de uma Amizade (Paulus), 2011; África: Um breve passeio pelas riquezas e grandezas africanas (IMEPH), 2012; Uirapuru: A lenda indígena do pássaro encantado (Conhecimento Editora), 2013; Somos Todos Africanos (Conhecimento Editora), 2014; Duas Lendas Indígenas de Amor (IMEPH), 2016.

<sup>6</sup> Os folhetos de Cordel são brochuras impressas que contêm o poema de Cordel, podendo ou não vir ilustrado com xilogravuras (na capa e no seu interior), outra importante tradição da cultura popular. Geralmente esses folhetos são impressos em papel jornal e possuem dimensão padrão com cerca de 11 X 15 cm, podendo ter 8, 16, 32, 48 ou 64 páginas.

se aos folhetos trabalhados nas escolas como instrumento de valorização da cultura, da arte e da literatura popular do nosso povo.

Diante desse quadro, indagamos: Qual o potencial pedagógico do Cordel para uma formação crítico-reflexiva na Educação? Como o educador, no processo de ensino e aprendizagem pode utilizar o Cordel como um recurso didático criando condições de estudo para que seus alunos se tornem autores, sujeitos de sua própria aprendizagem?

Impelidos por essas inquietações, percorremos os caminhos reflexivos da Educação em Freire (2003), Libâneo (2011), Lima (2013) e Pimenta (2018); o olhar investigativo no campo da Literatura de Cordel em Slater (1984), Lopes (1982); os escritos sobre formação de professores, por meio de Tardif (2006) e Ferreira (2006); experiência estética embasada no pensamento de Duarte Júnior (1998) e arte-educação com Leite (2005) e Westbrook e Texeira (2010).

Como caminho metodológico, registramos e analisamos experiências de professores e alunos de turmas de 6º ano do Ensino Fundamental no município de Aquiraz-CE e uma turma de Educação de Jovens e Adultos-EJA, da EEMTI Eunice Weaver, no município de Maranguape-CE que utilizaram o Cordel em projeto educativo e em atividades na sala de aula.

Também foram feitas entrevistas com alguns dos professores participantes a respeito de suas considerações sobre as experimentações estéticas envolvendo Literatura de Cordel. Sendo que essas entrevistas foram registradas por e-mail a partir de um questionário enviado e respondido pelos envolvidos. O questionário indagava se esses docentes vinham trabalhando com Cordel em sala de aula e qual foi o impacto causado na atividade docente deles, com a atividade formativa que tiveram com esse gênero literário. As respostas foram sistematizadas e analisadas por nós na composição deste texto.

### **Experiência estética, formação e atuação de professores**

Larrosa Bondía (2002, p. 20) propõe que pensemos a educação “[...] a partir do par *experiência/sentido*”, ou seja, todo entendimento e apreensão de uma experiência precisa ser atravessada e sentida pelo sujeito. O referido autor discorre sobre o sujeito da experiência como um ser “ex-posto”, isto é, aquele ser receptivo, disponível, aberto ao que lhe atingirá, ao que irá tocar-lhe. Em outro termo, experienciar a vida, produzindo sentidos para essas experiências. Segundo ele, há um componente fundamental da

experiência que é a capacidade de “formar e transformar as pessoas: “É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (BONDÍA, 2002, p. 25-26). Em suma, o saber da experiência dá-se “na relação entre o conhecimento e a vida humana” (BONDÍA, 2002, p. 26). O saber da experiência, para ele, constitui-se com os sentidos atribuídos pelo sujeito da experiência ao fato experimentado. Assim, toda experiência é singular:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal (BONDÍA, 2002, p. 27).

Em especial, ao nos referirmos à experiência estética, apreendemo-la como os acontecimentos que nos atravessam e que estão imersos em saberes teóricos e práticos que nos induzem à mobilização de todos os sentidos, bem como dilatam nossa percepção sobre as coisas, gestos e sentimentos (MORAES, 2016). Nesse caminho, ideias e ações fundem-se numa dada produção [artística] e nela são legitimadas. “Há, no fazer artístico, estético, uma sintonia entre o pensar e o fazer, entre a prática e a teoria, entre o conteúdo e a forma [...]” (MARTINS, 2011, p. 312). Martins diz-nos ainda: “Existe uma unicidade na experiência estética; um pensar na própria ação, presente em processos educativos” (2011, p. 312).

Sabemos que a mediação das ações pedagógicas na Educação Básica é realizada pelos professores e que estes necessitam de um amplo e consolidado repertório de saberes culturais, bem como de uma apropriação teórico-prática que abranja elementos didáticos imprescindíveis à atuação profissional no âmbito do ensino. Com isso, a composição de uma proposta de formação (inicial e continuada) desses profissionais é algo de extrema relevância. A experiência estética, nessa proposta, precisa ser um dos pilares formativos essenciais no processo de educação estética dos professores. Nessa direção, a educação estética constitui-se como um processo de produção de sensibilidades em que todos os sentidos são pedagogicamente estimulados vislumbrando-se seu aguçamento, além de que todo empreendimento de promoção da educação estética “[...] requer o

aperfeiçoamento dos sentidos e da percepção humana, como um esforço de educação do olhar crítico, reflexivo e propositivo sobre a realidade” (MORAES, 2016, p. 43).

A formação de professores é uma temática complexa e, por isso, é constituída por variados elementos que se interligam à própria experiência vivenciada por cada professor, seja no contexto pessoal ou profissional. Dessa maneira, é importante ressaltar que a formação deste está atrelada a seus aspectos racionais e sensíveis, sendo as duas dimensões inseparáveis.

Ao tratar sobre a dimensão estética na formação de professores, consideramos a amplitude das relações de cada ser com e sobre o mundo. Em relação ao conhecimento de mundo, Duarte Junior (1998) considera que

Portanto, no ato de conhecer o mundo não é possível separar-se os sentimentos das construções discursivas da linguagem. Antes, é preciso que se reconheça que são os sentimentos que guiam a razão, para que esta apreenda e disseque tudo aquilo que já foi sentido como importante à nossa vida. Os caminhos da razão são traçados pelo compasso das emoções (DUARTE JUNIOR, 1998, p. 75).

Desse modo, o sentimento é um aspecto fundamental para a experiência estética. O belo, nesse contexto, nasce do encontro entre os objetos estéticos com a consciência dos sujeitos, ou seja, requer um envolvimento total entre o sujeito e o objeto, resultando em uma experiência estética (DUARTE JUNIOR, 1998).

As experiências só podem tornar-se significativas depois de terem sido vividas, quando o pensamento pode tomá-las como objeto e transformá-las em símbolos. E é partindo desse pressuposto que a educação e a experiência são aspectos indissociáveis na formação de qualquer sujeito. Reconhecer a relevância das experiências nas práticas pedagógicas é dar um salto qualitativo no processo de ensino e aprendizagem de nossas escolas, pois concordamos que “vida, experiência, aprendizagem – não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos” (TEIXEIRA; WESTBROOK, 2010, p. 37).

Em relação à constituição da profissão docente, Tardif (2006), afirma que,

[...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta [...] (TARDIF, 2006, p. 230).

Desse modo, os saberes docentes sustentam-se para além das vivências, dos saberes curriculares, disciplinares e da formação profissional. Por meio, também, da subjetividade do professor, cada um tem sua maneira individual de ensinar, de se relacionar com os educandos e de desenvolver processos pedagógicos.

Para aprimorar e intensificar a formação profissional no que se refere às experiências estéticas, a formação continuada de professores torna-se indispensável, isso porque, para além de superar as limitações e distorções do ensino, a formação continuada é um dos caminhos para se acompanhar o processo de mudança da sociedade, que ocorre de maneira intensa e acaba por ser perpetuado na escola. Sendo assim,

A “formação continuada” hoje precisa ser entendida como um mecanismo de permanente capacitação reflexiva de todos os seres humanos às múltiplas exigências/desafios que a ciência, a tecnologia e o mundo do (não) trabalho colocam. Cada vez mais se faz imperioso educar e se reeducar continuamente, sob e nos ditames das exigências dessa “cultura globalizada” que invadiu todo o planeta enquanto humanidade (FERREIRA, 2006, p. 20).

Portanto, a formação continuada possibilita aos professores uma reflexão crítica sobre a prática escolar educativa. É, também, por meio dela que o professor pode ampliar seu repertório cultural, sensível e estético. Nesse sentido, é de extrema relevância a apropriação, por parte dos professores, de espaços culturais, tais como museus, teatros, cinemas e demais locais propulsores da Arte, para que assim, possam contribuir e serem mediadores de experiências estéticas a partir de suas práticas pedagógicas.

Frequentar os diferentes espaços de cultura e expressar-se culturalmente é direito de todo cidadão, mais do que tornar-se melhor professor/educador, todos tem o direito de aceder ao conhecimento. Sem dúvida, um sujeito com experiências mais variadas, mais plurais, terá também possibilidades de oferecer/favorecer experiências diversas às crianças com as quais convive (LEITE, 2001, p. 42).

Podemos dizer com isso, que para os professores possibilitarem experiências estéticas, eles necessitam experienciar essa dimensão em sua formação, desde a formação inicial. Quanto mais o professor permite-se conhecer, mais ele passa a ser capaz de compreender o mundo e de atuar nele de maneira criativa.

No âmbito da formação de professores, vimos realizando variadas intervenções pedagógicas em forma de aulas-oficinas, em especial, na disciplina Arte-educação em cursos de Pedagogia e outras licenciaturas, como abordagem de ensino e de pesquisa

qualitativa. Por meio das oficinas que envolvem conhecimento, apreciação, leitura e criação de literatura de cordel (MORAES; MOURA, 2019; MORAES, 2016), observamos e analisamos as aprendizagens estéticas, os sentidos e os significados atribuídos pelos estudantes em relação a essas oficinas e como elas reverberaram em suas formações.

Alguns autores nomeiam as aulas-oficinas como oficinas pedagógicas que, para Paviani e Fontana (2009, p. 78), atendem às seguintes finalidades: “a) articulação de conceitos, pressupostos e noções com ações concretas, vivenciadas pelo participante ou aprendiz; e b) vivência a execução de tarefas em equipe, isto é, apropriação ou construção coletiva de saberes”. Essas oficinas tornaram-se importante estratégia didática em variados momentos formativos. As aulas-oficinas são de grande relevância por assumirem uma configuração teórico-prática imprescindível à apreensão dos saberes arte-educativos, bem como por possibilitarem elementos didáticos essenciais para as intervenções pedagógicas de futuros professores. Sabemos que os saberes docentes são múltiplos e de fontes originárias também diversificadas – e que advêm da história de vida, das formações inicial e continuada, das atuações profissionais etc. (TARDIF, 2007).

Essa perspectiva das aulas-oficinas tanto proporciona o acesso a um universo cultural importante para a formação de professores, como também gera reflexões e experimentações guiadas pela apreciação, produção e análise de obras artísticas, tomando-se como referência de trabalho pedagógico a Abordagem Triangular para o Ensino de Artes (BARBOSA, 2003; 2008; 1985). Sendo esta nossa principal base de fundamentação teórico-prática que orienta os processos de formação desses professores, bem como de práticas de ensino, mediadas pela literatura de cordel, em variados níveis e etapas de ensino.

### **A literatura de cordel e seu potencial pedagógico em ações educativas**

As diversas iniciativas de incentivo à leitura, promovidas na Educação, como o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores, Fundação para o Desenvolvimento da Educação<sup>7</sup>, tem selecionado vários

---

<sup>7</sup> O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do País. O Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores (PMBFL) é um programa da Secretaria de Educação de Recife, criado em 2006, numa antecipação da Lei nº 12.244 de 24/05/2010 que dispõe sobre



títulos de obras escritas em Cordel. Informações da Editora IMEPH com sede em Fortaleza-CE<sup>8</sup>, e que tem boa parte de seu catálogo composto por livros desse gênero, apontam vários títulos aprovados nesses Programas. Alguns desses livros são: *Os Animais têm Razão* (2010), de Antonio Francisco; *Canção dos Povos Africanos* (2010), de Fernando Paixão; *Cordel: criar, rimar e letrar* (2009), de Arlene Holanda e Rouxinol do Rinaré; *A Criação da Noite: lenda Indígena* (2010), de Evaristo Geraldo; *Lenda do Uirapuru* (2010), de Gonçalo Ferreira da Silva; *A Raposa e o Cancão* (2007), de Arievaldo Viana. Ademais, outras duas obras da mesma editora, também escritas em Cordel, foram finalistas do Prêmio Jabuti de Literatura na categoria adaptação em 2017: *Duas Lendas Indígenas de Amor* (2016) de Fernando Paixão e *Cordéis de Arrepiar* (2016), de Marco Haurélio.

Esse fato indica o interesse pela Literatura de Cordel, no âmbito dos Programas de incentivo à leitura, supracitados e que sugerem caminhos para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, de acordo com Lima (2013), o Cordel como produto artístico, pode contribuir bastante com a ampliação do leque de habilidades a serem trabalhados em sala de aula, incluem-se habilidades como criatividade, sensibilidade artística e fruição estética.

Lopes (1982) lembra que a contribuição cultural e educativa dada pela Literatura de Cordel é inquestionável e tem despertado o interesse de muitos setores, especialmente através da análise e interpretação de sua linguagem, tipicamente nordestina e brasileira. Assim, as escolas e universidades podem vislumbrar um rico conteúdo educativo e de pesquisa.

Os linguistas tem aí vasto e inesgotável terreno para investigações. Os folcloristas, de modo amplo, encontram nos folhetos verdadeira mina para estudo os mais diversificados. O antropólogo cultural, o sociólogo, o psicólogo social, o historiador, o ficcionista, enfim, cientistas sociais e escritores deparam na Literatura de Cordel com acervo imenso de materiais para pesquisa (LOPES, 1982, p. 7-8).

---

a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país, ao estimular a criação e acompanhamento das bibliotecas escolares e salas de leitura. A Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) é responsável por viabilizar a execução das políticas educacionais definidas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, implantando e gerindo programas, projetos e ações destinadas a garantir o bom funcionamento, o crescimento e o aprimoramento da rede pública estadual de ensino.

<sup>8</sup> [www.imeph.com.br](http://www.imeph.com.br)

De fato, não são poucos os cientistas sociais, folcloristas, escritores, educadores e artistas que têm disponibilizado em publicações, o seu olhar sobre esse fenômeno que é a Literatura de Cordel, no intuito de ampliar a visão de mundo e de sociedade. Dessa forma, Freire (1970) também entende que a base da educação que constitui a dignidade de um indivíduo está no seu saber particular, herança da educação recebida no seu meio popular, na sua cultura. Freire (1996) afirma ainda que é papel do educador reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão e, portanto, o ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, “[...] Mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE 1996, p. 26).

Esse perfil de educadores e educandos apontados por Freire (1996) pede a urgência de se pensar a ação do professor como aquele que promove condições de uma educação humanizadora (PIMENTA 2018). A educação de sujeitos capazes de pensar criticamente o mundo que os cerca para nele agir e transformá-lo é um desafio para os educadores, uma vez que os conteúdos (teoria) têm que se concretizar em ações (práticas) refletidas para mudar a realidade (práxis). Pimenta (2018) afirma que

[...] o ensino é uma práxis social complexa, realizada por seres humanos, entre seres humanos, é modificada pela ação e relação dos sujeitos (professores e alunos situados em contextos institucionais, culturais, espaciais, temporais, sociais), e, ao mesmo tempo em que é modificado nesse processo relacional contextualizado, modifica os sujeitos nele envolvidos (PIMENTA, 2018, p. 84).

Essa afirmativa pode ser contemplada à luz de textos poéticos, sobretudo da Literatura de Cordel, cujo potencial faz-nos recorrer à memória da Antiguidade grega, em que a poética – termo que significa fazer, criar ocupava um papel fundamental na educação e na formação do cidadão, conforme afirma Silvano (2014).

[...] a poética era, sobretudo, uma maneira didática para formar um “homem de bem”. Deste modo, era relevante na formação ética, política, social, cultural, religiosa e na transmissão de valores, costumes, tradições, crenças, rituais, formas de administrar a cidade, leis, comportamentos públicos e privados (SILVANO, 2014, p. 14).

Com essa inspiração, a poética da Literatura de Cordel, que é multidisciplinar por natureza pode ser explorada de forma satisfatória em muitas disciplinas, além de ser uma linguagem ideal para trabalhar temas transversais, como ética, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural, orientação sexual, entre outros (HOLANDA; RINARÉ, 2009).

### **O Cordel em perspectiva nos processos de ensino e aprendizagem**

Um texto de Cordel é, sem dúvida, um recurso atraente que desperta curiosidade e interesse de alunos e professores. No entanto, é comum nas comunidades educativas, entre professores e intelectuais o desprezo e a desvalorização desse artefato, devido ao preconceito e a ignorância acerca de sua grandiosidade prestada à cultura e ao potencial pedagógico dessa literatura. Historicamente, tem sido assim: trata-se da perpetuação de um distanciamento sedimentado na Idade Média entre a cultura popular e a erudita, entre a alta e a baixa cultura que foi assimilado por nós conforme atesta Lima (2013, p. 133),

A escola, infelizmente, incorporou esse preconceito em relação às obras da cultura popular. Ao determinar, por exemplo, os livros que mereciam o atributo de ‘obra clássica’, ou seja, que eram dignos de serem estudados em classe, a escola encarregou-se durante muito tempo de manter distante dos alunos as obras populares.

Nos últimos anos, porém, conforme já mencionamos, o Cordel tem recebido um tratamento diferente com a publicação em formato de livros ilustrados que são adotados e trabalhados nas escolas, obtendo resultados significativos por estimular a leitura e abordar temas diversos de valores universais.

As escolas estão descobrindo o valor do Cordel e desenvolvendo projetos e atividades culturais envolvendo o gênero a partir da ótica de que o Cordel é uma das mais significativas formas de expressão da cultura brasileira.

O Projeto Aquiraz em Cordel, desenvolvido em 15 turmas de 6º ano de 13 escolas municipais de Aquiraz é um sinal visível da valorização e do reconhecimento do potencial pedagógico da Literatura de Cordel, compreendido por essa comunidade educativa, ao escrever sobre um dos objetivos do projeto (AQUIRAZ/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2018, p. 01):

Utilizar a poesia de cordel como recurso pedagógico para debater temas relacionados à educação escolar como cidadania, solidariedade, preconceito, discriminação racial, consciência ambiental,

espiritualidade, ética, educação sexual, combate às drogas, violência, condição social da população, amor ao próximo. (p. 01).

De fato, essa variedade de temas transversais à educação é abordada na Literatura de Cordel que, além de despertar o senso crítico, gerando mudança de atitudes diante das relações sociais do cotidiano, também interfere nas habilidades e no aprendizado escolar, conforme o depoimento colhido de uma professora do projeto:

Com essa estratégia de ensino, fazendo uso do gênero em sala de aula, percebo que os alunos ficam mais interessados, conseguem aprender bastante à medida que vão criando versos, rimando palavras, descobrindo sinônimos e outros vocábulos. Falo com propriedade, que a Literatura de Cordel é um meio de incentivar a leitura e a escrita dos alunos, ressaltando que eles apreendem e assimilam melhor os assuntos a serem estudados enquanto escrevem versos e formam estrofes, sem contar que tanto gostam de ler os textos produzidos, como também confeccionam pequenos folhetos sobre os mais variados temas a serem trabalhados no decorrer do ano letivo na escola (Marta Gama, professora do 6º ano da EMEF Isidoro de Sousa Assunção – entrevista concedida em dezembro de 2019).

O depoimento da professora confirma o que os autores Holanda e Rinaré (2009) expressam acerca do uso do Cordel em sala de aula por apresentar fatos e contextos que, geralmente, não se constata nos livros didáticos; fatos que possibilitam novos olhares, desenvolvendo o senso crítico.

Em outra realidade escolar, numa turma de Educação de Jovens e Adultos da EEMTI Eunice Weaver, no município de Maranguape, colhemos informações do professor Marcus José, que ilustram a realidade peculiar dessa modalidade de ensino.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um desafio gratificante para todos nós que a fazemos dia a dia. Lidar com pessoa simples, de histórias complexas e que querem recuperar ‘tempo perdido’, não tem preço. Sabemos dos limites que a própria modalidade possui. Sabemos as possibilidades que possuímos para melhorar a aprendizagem e, conseqüentemente, a vida dos nossos educandos. E assim construímos essa relação no cotidiano, com a certeza da potencialidade dos nossos alunos, observando no compromisso, na atenção na busca por conhecimentos, que torna esses espaços (escolas) prazerosos na relação diária (Entrevista concedida em dezembro de 2019).

Ao expressar seus sentimentos em seu lugar de docente, alimentada pela vivência e dedicação ao cotidiano escolar, próprio dessa modalidade e, por amor à Educação, alinhamos essa manifestação às ideias de Freire (1996) quando afirma:

Como os demais saberes, este demanda do educador um exercício permanente. E a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar de respeito à dignidade e autonomia do educando (FREIRE, 1996, p. 10).

As oficinas com os alunos do 6º ano das escolas do município de Aquiraz resultaram na publicação do livro: “Um breve olhar sobre Aquiraz/CE – Obra coletiva”, editado pela Editora IMEPH em 2018. O livro é composto por 101 estrofes de estilo sextilhas (seis versos) e ilustrado com imagens e fotografias referentes aos temas que compõem a história do município. Vejamos algumas dessas estrofes escritas pelos alunos:

Município de Aquiraz	Barro, palha e de madeira,	[...]
Uma terra radiante	Tem a arte do crochê	Escrevemos nossa história
Lugar de mares e rios	E a arte da bordadeira.	Usando tinta e papel
De beleza exuberante	[...]	Pra falar de Aquiraz
Aquiraz significa:	As nossas comidas são	Nossa escola foi fiel
A “Água mais adiante”	Feijoadá e tapioca,	Deixando nossa cultura
[...]	Uma gostosa iguaria	Neste livro de cordel.
Eu vou começar prosando	Que é feita de mandioca.	
Da história do passado	Baião de dois e cuscuz,	
Onde o nosso município	Peixe, bruaca e paçoca.	
Não deixa de ser lembrado	[...]	
A primeira capital	A cidade de Aquiraz	
Do nosso querido Estado.	É repleta de beleza	
[...]	Um lugar de belas praias	
Quando o visitante vem	Feitas pela natureza	
Conhecer nosso lugar	Que movimentam o turismo	
Ele logo se depara	E geram muita riqueza.	
Com grandioso pilar:	[...]	
Nosso santo padroeiro	Jenipapo-Kanindé	
São José de Ribamar.	Os nossos primeiros pais	
[...]	Que habitaram primeiro	
Lembramos os patrimônios	A cidade de Aquiraz	
E a nossa antiguidade	E ainda hoje preservam	
Representando a cultura	Os costumes ancestrais.	
Da nossa bela cidade,	[...]	
Monumentos e museus	As famílias quilombolas	
Que guardam nossa verdade.	Presentes na região	
[...]	Que preservam as histórias	
Temos danças populares	Dessa rica tradição	
Nessa região praieira	Exemplo de resistência	
Congo e Caninha Verde	Da cruel escravidão.	
Da nossa gente festeira	[...]	
Ciranda, Côco e Toré	Vamos abordar um tema	
A Quadrilha e a Capoeira.	Que nos traz muita alegria	
[...]	Falando em educação	
Na cultura de Aquiraz	E também de harmonia	
Existe a mulher rendeira,	A vida do nosso povo	
Artesanato de couro,	E sua cidadania.	

Nesse recorte, percebemos a riqueza de temas e abordagens contidas nas estrofes. Desde a origem do município, passando pela religiosidade, patrimônios, eventos culturais, culinária, turismo, história... Isso é uma indicação evidente da contribuição do Cordel para o processo do ensino e aprendizagem.

Quanto à utilização do Cordel na sala de aula na turma da EJA, temos do professor Marcus José, o seguinte depoimento:

Utilizar o cordel como abordagem em sala de aula, é uma metodologia bem próxima à vivência dos alunos de EJA, visto que se trata de informações curtas, muito lúdicas, poéticas e de temáticas muito variadas. Os estudantes mais adultos fazem uma conexão com os avós e/ou pais, cuja diversão e fonte de conhecimentos diversos os obtinham através da literatura de cordel. Os mais jovens, fazem um link com RAP, por causa das rimas. Sempre há alunos que terminam por produzir um cordel de autoria própria. É uma experiência bem gratificante e que causa boas surpresas em sala de aula.

É notório que com essa experiência, os alunos envolvem-se com uma literatura atrativa que, além de fornecer uma variação de temas a serem trabalhados, exerce uma apropriação cultural da memória de seus antepassados e sua relação com o Cordel e, apresenta ainda, um fenômeno intergeracional com o paralelo da cultura tradicional do Cordel com o RAP.

Nos processos de ensino e aprendizagem, podemos constatar a contribuição dada pela Literatura de Cordel que, como um artefato cultural e, também, como recurso didático apresenta sua história, sua beleza estética, sua poética, sua rima e sua inesgotável fonte de temas e de abordagens a serem trabalhados na sala de aula.

### **Considerações finais**

A Literatura de Cordel é Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro cujo potencial pedagógico precisa ser mais explorado nas escolas, uma vez que ele traz em seu conteúdo uma pluralidade de temas transversais à Educação que, além de possibilitar o desenvolvimento do senso crítico e a emancipação dos alunos como sujeitos, os professores também podem utilizá-lo para explorar conteúdos específicos das disciplinas estudadas, principalmente Língua Portuguesa, História, Geografia, Artes e até matemática.

Para tornar os cordéis mais atrativos visualmente, as editoras publicam os textos em livros ilustrados e formatos que os diferenciam dos folhetos tradicionais, o que tem gerado uma adesão cada vez maior de instituições governamentais da Educação que adotam livros em Cordel para os projetos de incentivo à leitura nas escolas e o número cada vez maior de professores que revolucionam o seu modo de ensinar apoiado no potencial pedagógico dessa expressão literária.

Também podemos concluir, por meio deste trabalho, que há a necessidade de se discutir a dimensão estética por meio de experiências na formação de professores. É através da sensibilidade no percurso formativo docente que o professor será capaz de proporcionar liberdade individual, decência e delicadeza nas relações humanas, que são alguns dos critérios para ter uma experiência de qualidade estética.

O Cordel, nesse sentido, como elemento da cultura popular e que está imerso no campo da arte, é, portanto, capaz de auxiliar no processo da construção do conhecimento que se dá de maneira social, histórica e cultural.

Com base nos discursos dos alunos, foi possível identificar a prática de aulas-oficinas como metodologia eficaz quando se objetiva alcançar o conhecimento com significado para o alunato e, por se tratar de um curso de formação de professores, essa eficácia torna-se ainda mais relevante, uma vez que percebemos em certos relatos que muitas das propostas trabalhadas em sala foram utilizadas em atividades de estágio e em outras atividades pedagógicas daqueles discentes.

Percebemos uma mudança de postura desses alunos diante de determinadas linguagens artísticas, que não experimentaram antes da disciplina em questão, algumas vezes, descobriram através da oficina, afeição por determinada arte. Além disso, certas atividades vivenciadas nessas oficinas permitiram aos alunos um contato com o seu íntimo, algo do seu passado ou experiências marcantes, visto que, em alguns momentos, pessoas choraram durante os exercícios que exigiam reflexões próprias.

As oficinas também contribuíram para criar e fortalecer laços entre as turmas, de modo que, em ambas as turmas pesquisadas, em nenhuma delas houve concorrência, mas presenciamos a atenção ao outro, o respeito, incentivos e elogios. Alunos atentaram para a evolução de outros no que se trata de comportamento e não apenas no quesito intelectual, experimentaram a educação estética de modo a perceberem o outro além da arte ou da atividade produzida. Com isso, podemos afirmar que as experiências estéticas contribuíram para a formação humanizada, colaborativa e criativa daqueles alunos.

## Referências

- AMÂNCIO, Geraldo; PEREIRA, Wanderley. **Gênios da Cantoria**. Fortaleza: Pedro Paulo Editora, 2004.
- BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. In: Revista Brasileira de Educação. Jan-Abril. Nº 19, 2002.
- DUARTE JUNIOR, João F. **Fundamentos Estéticos da educação**. Campinas: Papirus, 1998.
- FERREIRA, Gonçalo. **A Lenda do Uirapuru**. Fortaleza: IMEPH, 2010.
- FERREIRA, Naura S. C. (Org.). **Formação Continuada e Gestão da Educação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- FRANCISCO, Antonio. **Os animais têm razão**. Fortaleza: IMEPH, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GERALDO, Evaristo. **A Criação da Noite: lenda indígena**. Fortaleza: IMEPH, 2010.
- HAURÉLIO, Marco. **Cordéis de Arrepiar: Europa**. Fortaleza: IMEPH, 2016.
- HOLANDA, Arlene; RINARÉ, Rouxinol. **Cordel: criar, rimar e letrar**. Fortaleza: IMEPH, 2009.
- LEITE, Maria. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: LEITE, Maria; OSTETTO, Luciana (Orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas: Papirus, 2005. p. 19-54.
- LIBÂNEO, José C. Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. In: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilda Vanessa; LIMONTA, Sandra Valéria; ECHALAR, Adda. (Orgs.). **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a didática**. Goiânia: CEPED/EDITORA DA PUC GOIÁS, 2011. p. 85-100.
- LIMA, Stélio T. Os PCN e as potencialidades didático-pedagógicas do cordel. **Acta Scientiarum - Education**, Maringá, v. 35, n. 1, p. 133-139, jan.-jun./2013.
- LOPES, José de R. **Literatura de Cordel: Antologia**. Fortaleza: BNB, 1982.
- MARTINS, Mirian C. F. D. “Arte, só na aula de arte?”. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011.



MORAES, Ana C. **Educação Estética na Universidade**: antropofagias e repertórios artístico-culturais de estudantes. Curitiba: CRV, 2016.

MORAES, Ana C.; MOURA, Andrea S. B. Possibilidades estético-pedagógicas por meio do Fanzine e do Cordel. *In: Revista Dialogia*, São Paulo, v. 01, n. 31, p. 197-206, jan./abr., 2019.

PAIXÃO, Fernando. **Dois Lendas Indígenas de Amor**. Fortaleza: IMEPH, 2016.

PAIXÃO, Fernando. **Canção dos Povos Africanos**. Fortaleza: IMEPH, 2010.

PAVIANI, Neires Maria.; FONTANA, Niura Maria. “Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência”. **Revista Conjectura**: filosofia e educação, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago., 2009. Disponível em:  
<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/16>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

PIMENTA, Selma G. O protagonismo da didática nos cursos de licenciatura: a didática como campo disciplinar. *In: MARIN, Alda Junqueira; PIMENTA, Selma Garrido. Didática: teoria e pesquisa*. São Paulo: Junqueira & Martins, 2015. p. 81-97.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2006.

VIANA, Arievaldo. **Acorda cordel na sala de aula**: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

VIANA, Arievaldo. **A Raposa e o Cancão**. Fortaleza: IMEPH, 2007.

WESTBROOK, Robert; TEXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey. *In: ROMÃO, José Eustáquio.; RODRIGUES, Verone Lane. (Orgs.). John Dewey*. Recife: Massangana, 2010. p. 33 – 53. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4677.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

**Enviado em:** 13/03/2021.

**Aceito em:** 12/12/2022.

**Publicado em:** 30/12/2022.